

Um lugar de vida para as Sementes do Semiárido

A história de uma comunidade
que cuida de suas sementes





Um lugar de vida para as Sementes do Semiárido

A história de uma comunidade
que cuida de suas sementes



Apresentação

Você já parou para pensar no Semiárido como um espaço de muita fertilidade? Não? Então responda: se você é agricultor ou agricultora, guarda sementes em casa? E seus vizinhos também guardam? Pois imagine que a maioria das famílias agricultoras do Semiárido (e há mais de um milhão de famílias) se dedica a guardar as sementes que herdou dos seus antepassados.

A Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) andou perguntando a várias famílias agricultoras quais as sementes que elas estocam. O resultado foi surpreendente e revela um verdadeiro tesouro de sementes — de diversos tipos, cores, formas, tamanhos — estocado nas casas. Um tesouro de pura fertilidade, que se reproduz, gerando abundância!

Essas sementes são chamadas de crioulas. Elas pertencem às próprias comunidades, são ali cultivadas, selecionadas e multiplicadas. Por estarem lá há tanto tempo, adaptaram-se às condições específicas desses lugares. Passadas pelas famílias agricultoras de geração em geração, já desenvolveram a resistência necessária para



se transformar numa planta saudável e gerar outras sementes quando plantadas nesse ambiente, que passa por períodos de estiagem às vezes mais curtos, outros mais longos.

Quanto mais sementes diferentes existirem, melhor. Porque elas podem garantir uma alimentação mais diversificada para homens, mulheres e animais, além de remédios, materiais para cerca viva, madeiras, etc. Uma alimentação diversificada, com muitas frutas, legumes, proteínas, e sem venenos ajuda a manter uma boa saúde, não é mesmo?

Cultivar uma boa alimentação não é uma tarefa simples. No mundo todo, existem milhões de pessoas com fome e outras tantas com carências de nutrientes por causa da má alimentação. E os motivos são muitos, dentre eles o interesse de um reduzido grupo de empresas transnacionais ligadas ao agronegócio, à indústria de alimentos e às redes de supermercados. Para eles, o alimento é mercadoria que precisa ser produzido com baixo custo para gerar grande lucro na sua venda.

Nas comunidades rurais, onde as famílias comem o que plantam, o sentimento de solidariedade é bem forte, e o alimento é sagrado, não uma mercadoria. Há um



cuidado mútuo entre as famílias. O que uma tem a mais oferece a outra que esteja necessitada. E é nessa cultura de cuidado que as sementes passam de uma família para outra, de uma comunidade para outra. Muitas sementes são trocadas, dadas, recebidas e também vendidas e compradas a preços justos.

Mas as comunidades também perdem sementes. Em geral, por conta de políticas públicas incapazes de proteger esse rico patrimônio genético. Para que não ocorra a perda, a ASA, em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), desenvolve uma ação para proteger e multiplicar o material genético das famílias: o Programa de Manejo da Agrobiodiversidade — Sementes do Semiárido.

O programa estimula a troca de conhecimentos e de sementes entre agricultoras e agricultores, valoriza o papel das guardiãs e dos guardiões e incentiva as comunidades a organizarem estoques comunitários de sementes, em espaços construídos ou reformados e também equipados.

No entanto, não basta existirem os bancos. É preciso que as comunidades se mobilizem em torno deles e os

abracem, como fizeram com as cisternas e outras tecnologias que guardam água da chuva para consumo humano e produção de alimentos. Muitas comunidades serão atendidas por esse programa, e isso vai criar uma rede de bancos e casas de sementes que fortalecerá ainda mais a capacidade de resistência das camponesas e dos camponeses frente às sementes forasteiras.

E, para estimular o envolvimento de muita gente nas casas de sementes, a ASA produziu esta cartilha. Nas próximas páginas, você vai conhecer a história de Berro d'Água, uma comunidade rural que decidiu ter um banco de sementes e se organiza para isso. Na história, há dúvidas, aprendizados, desafios e alegrias que são comuns nas comunidades que passam a cultivar na sua vida um espaço coletivo para guardar algumas das sementes que estocam em casa.

Esperamos que a publicação seja um material de apoio aos diversos processos formativos e mobilizadores realizados no Semiárido, estimulando o debate e a reflexão coletiva em torno da estocagem comunitária das sementes. Uma estratégia que reforça a proposta de Convivência com o Semiárido.

Boa leitura e bom trabalho!

Nem a distância nem o tempo apagaram a memória da vida que Margarida e Joaquim tinham em Berro d'Água. O cheiro do café torrado na hora, a delícia da galinha de quintal cozida no fogão a lenha, do cuscuz de milho da roça, moído em casa. Também nunca se esqueceram do vento que passava naquele lugar todo final de tarde. Eles aproveitavam para sentar debaixo de um juazeiro para prosear.

Dez anos depois de saírem pra ganhar a vida na cidade grande, eles podiam cumprir a promessa que fizeram, de voltar ao lugar onde nasceram, criaram-se,



aprenderam a ler, trabalharam com os pais na roça, namoraram e se casaram: a comunidade Berro d'Água, município de Umbuzeiro, no Semiárido Brasileiro.

Seus corações pulavam de alegria, e os olhos brilhavam tanto que pareciam faiscar. Pediram as contas nos trabalhos de pedreiro e diarista e começaram a ajeitar a mudança, que, agora, seria maior porque a família crescera. Eles eram pais de José Manuel, de 7 anos, José Pedro, de 5 anos, e a caçula Janaína, de 2 aninhos.







De volta à sua terra, a tão querida Berro d'Água, Margarida exclamou:

— Minha nossa, como este lugar tá diferente!

Os parentes mais chegados, Valdêncio e Vitória, logo se aproximaram para dar as boas-vindas. Depois de uns abraços apertados, Jua e Margô, como eram chamados desde pequenos, começaram a matar a curiosidade.

— Como tá a vida aqui, cumpade? — perguntou Jua.

— Melhorou, viu? Ninguém pega mais água no açude de Seu Teodoro, e todo mundo vota em quem quer! — respondeu Valdêncio.

— Oxe, cumpade, só num andar todo dia pra pegar água é uma bênção! — completou Vitória.

— Me diga, cumade Vitória, vi tanta fartura nesses quintais, muito pé de fruta carregado. Chega deu uma vontade danada de tomar um suco bem geladinho! — falou Margô.

— Ô, cumade, com a água que a gente junta na cisterna grande, os quintais ficam mais verdes, dão sombra e frutas pra gente e pros passarinhos... Chega dá gosto! Tem cheiro-verde, pimenta, cenoura, couve. Vou nem falar dos remédios, só você vendo! Lá em casa mesmo tá com o pé de limão carregado. Vou aproveitar pra fazer um suco bem gelado pra matar a nossa sede — contou Vitória.

Outra grande novidade era a associação comunitária que, quando eles saíram, ainda estava começando. Agora, tinha grupo de jovens e de mulheres, e a Dona Teté, tia de Jua, era a presidenta. Margô e Jua ficaram muito contentes, sabiam que era uma pessoa boa para o cargo porque era daquelas que tomava a frente das coisas e resolvia.

Um dia depois da chegada deles, estava marcada uma reunião na associação. Jua e Margô logo se animaram em participar. O assunto era a nova conquista da comunidade. Dona Teté abriu a reunião.

— Bom dia, gente! Como vão? Hoje vamos conversar sobre um assunto de que todo mundo gosta, seja na hora de plantar ou de comer: sementes. Francisca, a senhora guarda sementes em casa?

— Guardo, mas é coisa pouca. Deixa eu ver... tem de milho-ligeiro, milho-tardão, feijão-preto, mulatinho. Tem também semente de coentro, bucha.

— Pra quem diz que tem pouca coisa, a senhora tem é muita semente! E o senhor, Seu Raimundo?

— Na última seca braba que teve, comi quase todas as minhas sementes, e as que plantei, perdi. Mas ainda tenho feijão-de-arranca e feijão-quando-cinza, que é o meu xodó.

— E há quanto tempo o senhor tem esse quando?

— Faz um tempão, uns 15 anos! Consegui com um vizinho meu quando morei no Sítio Junco, onde minha esposa nasceu.



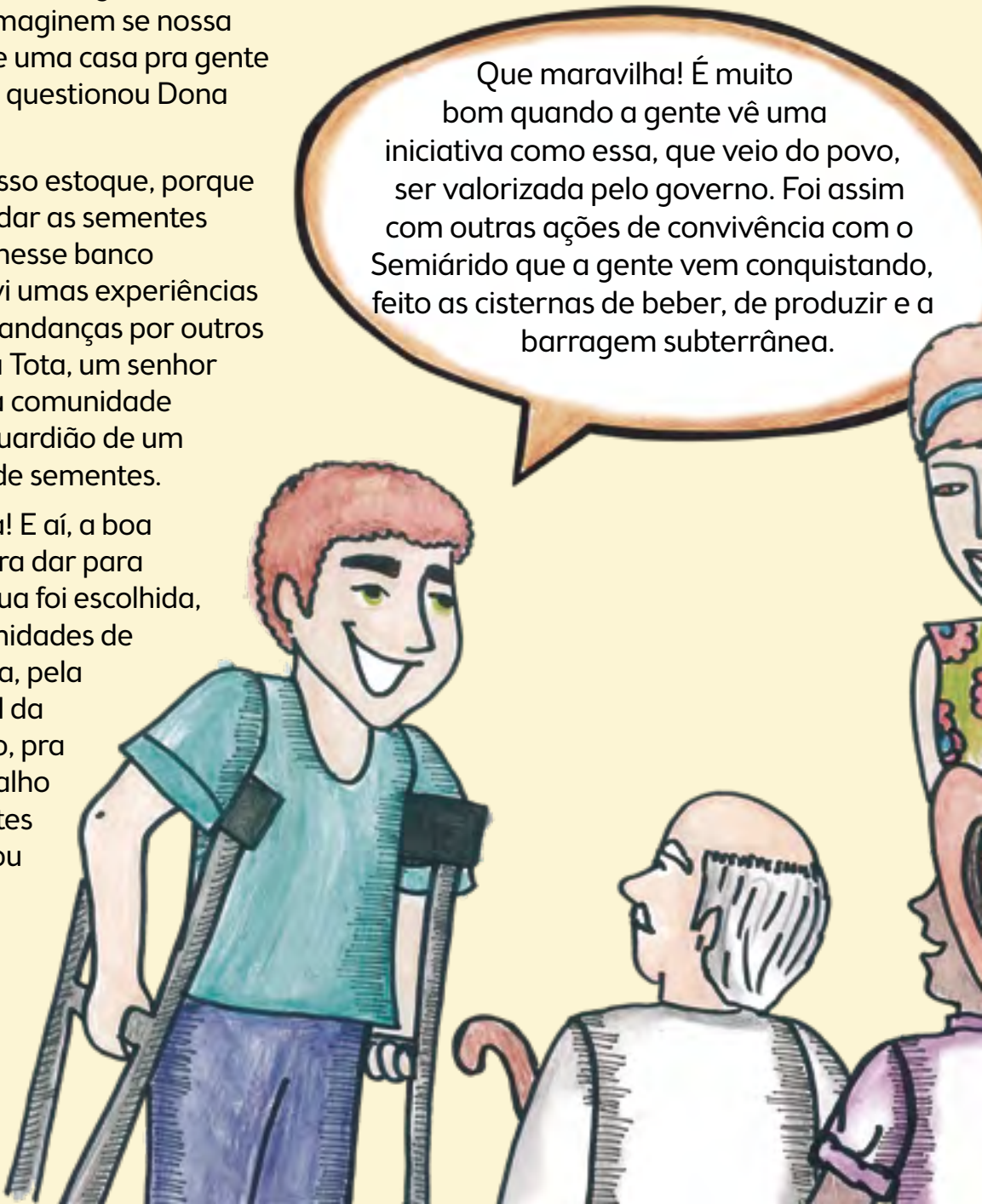
...CIAÇÃO



— Tá vendo? Mesmo com a estiagem, a gente consegue salvar algumas de nossas sementes. Imaginem se nossa comunidade tivesse uma casa pra gente armazenar elas? — questionou Dona Teté.

— Ia melhorar o nosso estoque, porque a gente podia guardar as sementes em nossas casas e nesse banco comunitário. Eu já vi umas experiências dessas nas minhas andanças por outros lugares — disse Seu Tota, um senhor que todo mundo na comunidade reconhecia como guardião de um tesouro em forma de sementes.

— Isso mesmo, Tota! E aí, a boa notícia que tenho pra dar para vocês é: Berro d'Água foi escolhida, junto com as comunidades de Tapera e Quixabeira, pela comissão municipal da ASA em Umbuzeiro, pra desenvolver o trabalho de casas de sementes comunitárias — falou Dona Teté, toda empolgada.



Que maravilha! É muito bom quando a gente vê uma iniciativa como essa, que veio do povo, ser valorizada pelo governo. Foi assim com outras ações de convivência com o Semiárido que a gente vem conquistando, feito as cisternas de beber, de produzir e a barragem subterrânea.



Políticas públicas relacionadas com as sementes

O Programa Sementes do Semiárido, concebido pela sociedade civil com o protagonismo da ASA, virou política pública que valoriza, protege e multiplica as sementes crioulas do Semiárido brasileiro. Apoiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o programa conta com recursos vindos do orçamento público, via Ministérios do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Outra política adotada pelo Governo Federal com relação às sementes é o abastecimento das comunidades rurais, medida importante para aquelas que tiveram seus estoques comprometidos pelas estiagens. Antigamente, a distribuição era de sementes híbridas, que não permitem reprodução. Hoje em dia, o governo fornece sementes varietais (variedades melhoradas em institutos de pesquisa).

O problema é que só são distribuídas poucas variedades de feijão e milho.

Além disso, algumas das sementes distribuídas no Semiárido são produzidas em outras regiões do Brasil e por isso não vingam bem num ambiente com as características de semiaridez. Outra crítica é que, muitas vezes, as sementes chegam nas mãos das famílias agricultoras depois das chuvas, fazendo com que elas percam o tempo bom para o plantio.

Algumas pessoas, que não sabiam direito o que era uma casa de sementes comunitária, estavam um tanto desconfiadas. Percebendo isso, Dona Teté comentou:

— Minha gente, só precisamos doar um pouco das nossas sementes, não é pra ficar sem nada em casa! Dessa forma, vamos aumentar a proteção pra não perdermos a nossa riqueza!

— Ah bom! Tava com essa dúvida. Se fosse pra trazer tudim pra cá e não ficar com nada em casa, eu não queria não — disse Vitória.

Mariquinha, que estava de ouvido grudado na conversa, perguntou:

- Por que tem hora em que vocês falam casa e outras vezes banco de sementes?

Dona Severina, guardiã de sementes do Sítio Batateiras, comunidade vizinha de Berro d'Água, apressou-se em explicar:

— É que o nome varia de lugar pra lugar, Mariquinha. Mas, no fundo, é a mesma coisa: um local que garante a semente pra comunidade na hora certa de plantar! Com ele, a gente num precisa comprar sementes, que, além de serem caras, não dá pra plantar muitas vezes.



Pergunta interativa

E vocês, quais sementes guardariam no banco de sua comunidade?



Isso é uma coisa muito importante, Chico. As sementes que mais precisam dessa proteção são as crioulas, que, até um tempo atrás, nem a lei brasileira reconhecia como sementes. As que vêm do governo, a gente precisa avaliar.

Que tipo de semente a gente pode guardar nessa casa? As sementes crioulas da nossa tradição ou as que a gente recebe do governo?



No dia seguinte, Margô e os meninos foram logo cedo visitar seu tio Chico e a tia Zefa para tomar um cafezinho, prometido na reunião do dia anterior na associação...

— Ô de casa! Tio Chico, Tia Zefa, tamo entrando, viu?!

— Chegaram na hora boa, Margô, o café tá saindo agorinha! Pedro e Manuel, como vocês tão bonitos! Cadê Jua e Janaína?

— Jua ficou em casa cuidando de Janaína, Tia Zefa. Ela tá meio adoentada, estranhando a mudança. Sabe o que eu queria mesmo? Ver de perto a terra de vocês...



— Com muito prazer, vamo agora mesmo! Aqui tem muita coisa bonita: farmácia caseira, horta, galinha, porco, bode, ovelha... tem também uma cisterna enxurrada que, quando vem a chuva, num instante enche porque nosso terreno é ladeiroso.

— Quanta fartura, hein? Chega dá orgulho desse lugar. E pensar que, quando a gente saiu, as coisas tavam bem difíceis! — disse Margô.



— A situação daqui é outra mesmo, Margô, mas ainda tem muito pra melhorar — comentou Tio Chico. Desde que eu comecei a participar da associação, aprendi que só reclamar não resolve as dificuldades. A gente precisa superar elas, e é muito mais fácil fazer isso se juntando com outras pessoas, porque a luta fica mais forte.

— O senhor tá cada vez mais sabido, tio. Eu preciso ir agora. Agradecida demais pela paciência de vocês!

— Antes de ir embora, tome essa semente de fava branca, que veio da sua bisavó e eu cuido com muito carinho. Leve pra casa e multiplique. Tenho certeza que sua mãe, se fosse viva, faria o mesmo.

— Não acredito! Lembro de mãe escolhendo e guardando essa fava nas latas junto com cinza de fogueira do São João.

— Só vou lhe pedir uma coisa: quando você colher, não deixe de levar uma quantia boa pro estoque da nossa futura casa de sementes, viu? — acrescentou Tia Zefa.





Pergunta interativa

Quais outras formas de guardar as sementes vocês conhecem?



Depois do almoço, Margô estava contando muito animada pra Jua a conversa na casa dos tios, quando Teté chegou com uma cesta cheia de presentes.

— Boa tarde, meus queridos! As crianças estão dormindo?

— Tão brincando no terreiro. E, por falar neles, eu queria saber da escola da comunidade. A gente tá vendo onde vai matricular as crianças...

— Tá boa, Margô! E é uma sorte nossa ter essa por aqui. Nesses tempos, muitas fecharam em outras comunidades. Estamos participando mais do dia a dia da escola. Lá, o que a gente faz na roça tem valor. E isso é muito bom, porque os filhos da comunidade não vão crescer querendo sair daqui. Outra coisa que melhorou a situação foi a cisterna da ASA, que o sindicato construiu lá. Mas ainda tem o que melhorar, tá precisando mesmo é de uma reforma.





— Tá vendo só, e ainda tem gente achando que só a educação da capital tem valor! — falou Jua.

— O mais importante foi a gente ter se organizado na associação. Conhecemos a experiência de outras associações, passamos a frequentar reuniões do Sindicato de Umbuzeiro... Não vem tudo pronto e resolvido, mas a gente passou a enxergar caminhos que antes não conhecia. Ficamos sabendo de vários projetos bons pra nossa comunidade, como o das cisternas, e fomos atrás pra que chegassem até aqui.

— A gente tá doído pra conseguir uma, dona Teté! - disparou Margô.

— Não é só vocês, não, tem outras famílias por aqui que também precisam. O caminho é procurar a Comissão Municipal de Umbuzeiro, Margô! — disse Dona Teté, continuando a prosa.

— A gente conseguiu trazer pra algumas famílias um biodigestor, que produz gás de cozinha com o estrume das criações. Tem mais gente querendo. Precisamos ver como arrumar mais biodigestores pra cá. E os projetos que chegaram trouxeram cursos, intercâmbios, que ajudaram a gente a valorizar mais a ciência dos antigos.

— E, pelo que vimos, a produção aumentou — comentou Jua.

— E também ficou mais variada, Jua. Sem precisar de nenhum pingo de veneno! Se aparece alguma doença, a gente produz o remédio com urina de vaca, fumo de rolo, pimenta e outras coisas. Quando chove direitinho é melhor, mas, mesmo na época de seca, a gente consegue produzir...

— Teté, aceita um cafezinho? — ofereceu Margô. E me conte: como vai a Adriana? Deve estar uma moça! Quando a gente saiu daqui, ela só tinha sete anos!

— Ah, vocês precisam ver, ela é tão esperta! E estudiosa, chega dá gosto! Antes, quando ela começou a ir pra EFA, o pai ficou cismado, não queria essa história dela passar a semana fora. Vocês sabem como o Crisô é, né? Mas aí eu fui ajeitando, conversando, e ela tá estudando lá.

— Queridos, a conversa tá boa, mas tenho que ir pra preparar as coisas da feira agroecológica, que também é outra vitória da gente e de Umbuzeiro. Amanhã é dia de levantar com as galinhas! — Teté deu um abraço em cada um e se despediu.





EFAs e a Pedagogia da Alternância

EFAs são as Escolas Família Agrícola. Elas proporcionam um ensino que busca se aproximar da realidade das crianças e jovens do campo. O método usado nessas escolas é conhecido como Pedagogia da Alternância.

Nessa forma de ensinar e aprender, o tempo dos estudantes é alternado entre a vivência na escola, onde se aprendem conhecimentos gerais e técnicos, e a vivência nas propriedades rurais da região, muitas vezes as próprias casas dos jovens, onde experimentam os conhecimentos adquiridos na escola.

Essa aproximação do ensino com a realidade do jovem contribui para diminuir o êxodo rural da juventude.

Quando o galo começou a cacarejar, o povo de Berro d'Água já estava armando suas barracas em frente ao Mercado Municipal de Umbuzeiro. Margô e Jua pegaram o primeiro transporte do dia para a cidade e desceram na rua principal, a poucos metros da feira. Era gente que só circulando.

Em busca de sementes para seu quintal e roçado, Margô e Jua encontraram a guardiã Dona Severina.

— Tenho um feijãozinho excelente aqui pra vocês: o de corda. Veja como ele tem uma cor bonita e derrete na boca de tão bom! Pra plantar é ótimo, resistente que só, e a colheita dele é rápida! — anunciou Dona Severina.



Margô pegou a garrafa onde as sementes estavam e começou a chacoalhar.

— Tá vendo o som que elas fazem? Isso é porque tão bem sequinhas! A gente também coloca um pouco de pimenta-do-reino pra durarem mais — contou a guardiã.

— Pai colocava cera de abelha na tampa, pro ar não entrar de jeito nenhum. Esse feijão tá muito bom, que é que tu acha, Jua?

— Por mim, tá fechado, Margô!



— Jua, aquela dali é a Adriana, filha da Dona Teté?

Animadíssimos, começaram a chamar por Adriana.

— Jua! Margô! Mãe tinha me dito que vocês voltaram, tava doida pra ver vocês! E como vão meus primos? Ainda nem conheço eles!

— Tão gostando muito daqui, tem mais espaço pra brincar, correr...

— E vocês dois, o que tão achando da feira?

— Boa demais! Adriana, você pode ajudar a gente a encontrar um milho que agunte essa estiagem e tenha muita massa pra fazer canjica, bolo e pamonha? — perguntou Jua.





- Vamos agora na barraca do Seu Tota!
- Bom dia, pessoal! Eu tenho vários tipos. De plantio mais ligeiro, mais tardio, milho pra comida de São João, pra comer cozinhado ou assado, pra pipoca. Tem ainda uns que dão palha boa pra cobrir a terra e pra alimentar os bichos. Como a água tá pouca, infelizmente eu não tenho em grande quantidade pra vender, a não ser do milho-ligeiro, o forte do nosso lugar.
- Pode levar sem medo que o milho do Seu Tota é crioulo mesmo, não é transgênico e não tem veneno. Já foi até testado pelo pessoal da Baraúna, uma ONG que acompanha a gente.







Pergunta interativa

Vocês sabiam que o Brasil é o maior consumidor mundial de agrotóxicos e o segundo maior produtor de transgênicos? Além do milho, vocês conhecem outras sementes transgênicas?

— Adriana, a gente ouve direto sobre esse tal de transgênico em tudo quanto que é lugar, uns dizem que é bom; outros, que é ruim. E eu fico doidinho, sem saber em quem acreditar.

— Jua, as empresas do agronegócio estão investindo muito nos transgênicos. A promessa é que são mais resistentes ao ataque de insetos e doenças e por isso aumentam a produção. Também dizem que diminuem o trabalho na roça porque as plantas geradas por essas sementes não morrem com o veneno usado pra matar o mato. Mas a natureza se adapta a tudo. Pode acontecer de os insetos e matos evoluírem, ficarem resistentes e se espalharem nesses plantios também. E, pra esses matos e insetos que se adaptam, dá-lhe mais veneno! — explicou Adriana, lembrando das aulas da EFA.

— E a gente fica dependendo dessas empresas e come essa venenada toda, né? Pra gente que planta agroecológico, não faz sentido investir em semente transgênica, não usamos agrotóxicos e controlamos os insetos de outras formas — disse Seu Tota.

— Ainda tem muita gente lá em Berro d'Água que usa agrotóxico pra acabar com as pragas. Nessa brincadeira, o riacho de nossa comunidade ficou contaminado, muitos passarinhos morreram, e as abelhas nativas desapareceram — acrescentou Adriana.

— Rapaz, essa menina é sabida! Ainda bem que ela tava aqui pra explicar isso pra gente. Num é que esse transgênico é perigoso mesmo? — comentou Jua.

— E o transgênico é algo muito novo. Tem pesquisas dizendo que, assim como os agrotóxicos, eles podem causar doenças, como o câncer. A gente precisava de anos de estudo antes de colocar isso no prato das pessoas, mas não é o que tem acontecido — falou Adriana.



Após um momento em silêncio, ela acrescentou:

— O triste, Jua, é que eles estão presentes em muitos dos alimentos comprados que a gente consome quase todo dia, como o cuscuz, o óleo de soja e o amido de milho. Até os biscoitos das crianças! Nunca perceberam nessas embalagens um triângulo amarelo com um T preto dentro? — falou Adriana.

Margô apertou os olhos investigando a sua memória:

— Pensando bem, já!

— Lá em casa, o cuscuz industrializado não entra faz tempo! — contou seu Tota, todo orgulhoso por ter um fubá delicioso e forte feito com seu milho crioulo.

— E tem mais: a gente sabe que o milho cruza pelo ar, não é? Se uma lavoura de milho transgênico tiver perto da nossa roça de milho crioulo, é muito fácil que o nosso fique contaminado pelo transgênico. E depois nem dá pra perceber assim olhando. O perigo é grande!

— Deus que me livre, perder esses milhos de tudo quanto é qualidade que eu tenho por conta dessa semente aí! — falou Seu Tota se benzendo.

— O senhor tá é certo, Seu Tota! Nós vamos querer levar do milho ligeiro e um saquinho desse milho de pipoca, quem sabe ele vingá!

— Vai vingar, tenho certeza!



Pergunta interativa

Vocês sabiam que alguns senadores e deputados estão querendo retirar das embalagens o símbolo que identifica os alimentos transgênicos? O que vocês acham disso?



No outro dia de manhã, enquanto Jua e Margô ajeitavam a casa, o quintal e a roça, todo mundo de Berro d'Água levou suas sementes para um curso na associação. Chegando lá, o técnico Zé Mário, da Baraúna, pediu para colocá-las em um círculo no meio da sala. Aí eles viram o tanto de semente que tinham, muito mais do que imaginavam. Algumas, eles pensavam que nem existiam mais, como o feijão-gurutuba.

Seu Raimundo levou a fava-orelha-de-vó:

— Além de graúda, ela não amarga nem precisa esquentar antes!

Januária trouxe semente de jerimum-caboclo:

— Ele é bem doce e enxutinho, fica uma delícia passado no leite! E as sementes são excelentes pra matar verme!

Maria, adolescente de 16 anos e neta de Seu Tota, veio com o milho-vermelho-de-sabugo-fino:

— Esse aqui é uma raridade! Vô fala que ele tá na nossa família há mais de 100 anos!

E por aí foi... Francisca trouxe sementes de melancia; Manoel, de gergelim; Adelaide, de coentro; Mariquinha, de pepino. Apareceu até semente de arroz-vermelho e de árvores nativas. Uma riqueza só!

Com essa partilha, as famílias se deram conta de que Berro d'Água, assim como muitas outras comunidades, guarda um grande tesouro, um verdadeiro patrimônio cultural e genético. Diante de tanta fartura e diversidade, ficaram ainda mais empolgados com a vinda da casa de sementes.



ASSOCIAÇÃO



Nove meses depois...

Apesar da pouca chuva que caiu nesse meio de tempo, as técnicas para manter a terra úmida que Margô e Jua aprenderam na associação foram suficientes para que multiplicassem as sementes. O casal agora vai cumprir o trato feito: devolver as sementes ao recém-criado banco da comunidade.

Chegaram lá e gostaram muito do que viram: um lugar arejado, limpo e bem iluminado. Arlindo, que fazia parte da comissão responsável pela gestão da casa de sementes, recebeu o casal.

— Venham cá, vou mostrar a vocês tudinho: aqui tem o jogo de peneiras, pra fazer a limpeza e separação das sementes; tem uma balança e as bombonas, onde a gente guarda as sementes em maior quantidade...

— Tia Teté nos deu um tantinho assim de milho branco, e ele deu até bom. Separamos 2 litros dele pra doar aqui! Trouxemos também o milho-ligeiro e feijão-de-corda. Esse aí rendeu muito mesmo, vai dar até pra gente vender na próxima feira! — falou Jua.

— Eita, que coisa boa, o nosso banco agradece! Aqui não é feito banco de dinheiro: quem sai no lucro é a comunidade, que terá a segurança de buscar sementes na hora em que precisar! — disse Arlindo, olhando as sementes.





— O milho e o feijão que vocês trouxeram tão de primeira, cumade, sequinhos e sem nenhum bicho! Mas tem algumas famílias que trouxeram sementes bichadas. E a gente não pode misturar com as outras, porque prejudica nosso estoque e estraga tudo — continuou Arlindo.

— Mãe sempre falava do cuidado que a gente tem que ter na hora de guardar as sementes pro próximo plantio. E a Januária chegou lá em casa toda empolgada, explicando o que disseram no curso pra guardar a semente bem certinho — contou Margô.



— Pois é, tem gente que não tava na formação e depois se interessou pela casa. Por isso, a gente tá querendo fazer novos cursos com quem não teve oportunidade de participar dos primeiros. Outra coisa que estamos pensando é fazer um campo de multiplicação, pra aumentar a quantidade e a qualidade de nossas sementes. Quem sabe até vender pro PAA Sementes. Só que não temos onde guardar essas sementes todas, porque o nosso banco é pequeno. Vamos precisar de um mutirão pra ampliar nossa casa.

— Que ótimo, Arlindo! A gente vai querer participar de tudo, né, Jua? — disse Margô.

PAA Sementes

O PAA Sementes é uma das modalidades do Programa de Aquisição de Alimentos, na qual agricultoras e agricultores familiares podem vender suas sementes convencionais e crioulas para o Governo Federal. Essas sementes são doadas a outros agricultores familiares e, para recebê-las, é necessário apenas ter a Declaração de Aptidão à Produção (DAP). E quem for cadastrado no CadÚnico tem prioridade.

Essa modalidade do PAA foi criada a partir das experiências de casas e bancos de sementes existentes e vem para fortalecer esses espaços e as comunidades envolvidas. É uma boa oportunidade de vender as sementes crioulas em uma relação na qual quem vende e quem recebe saem ganhando.



— Com certeza! Cumpade, a gente sabe que ainda tem muita coisa pra ser feita nesse banco, mas ele tá sendo uma belezura pra nossa comunidade, né? — elogiou Jua.

— Bota belezura nisso! E o mais legal é que esse projeto não tá acontecendo somente em Berro d'Água, mas em centenas de comunidades do Semiárido! Imagina essas casas de sementes todas organizadas, trabalhando em rede?

— Ave Maria, vai ser muito bacana! A gente vai ganhar muito conhecimento, trocar muitas sementes e ficar por dentro de tudo que tá acontecendo na política, nas leis... — completou Jua.

Margô se lembrou de seu arredor de casa:

— Me diga, cumpade, o quintal da gente ainda tá pobrinho, o banco pode emprestar umas sementes de pepino, quiabo e melancia?

— Cumade, eu não vou ter de pepino, mas de quiabo e melancia, tem sim! Vou dar a vocês uma quantidade pouca, que essas sementes o pessoal num traz muito. Deixa só eu anotar no livro de controle o tanto que vocês tão levando.

— Agradecida demais, Arlindo! Apareça sábado lá em casa, que a gente vai preparar uma guiné e feijão-de-corda com maxixe!





Cerca de dois anos depois...

Era o mês de junho, tempo de colher o milho e de celebrar São João, Santo Antônio e São Pedro. Berro d'Água se preparava para receber um intercâmbio de agricultoras e agricultores de outro estado, que vinham conhecer a casa de sementes.

Pois é, a experiência deu tão certo que já estava criando fama! Viraram até assunto de um *Candeeiro*, distribuído durante o intercâmbio.

No dia da visita, Dona Teté, Arlindo, Dona Severina e Seu Tota acolheram os que chegaram.



— Bom dia, meu povo! Estamos muito felizes em receber vocês aqui no nosso banco! Vamo se chegando! — disse Teté, animada como ela só.

Arlindo iniciou um momento de reflexão:

— Bom dia! Meu nome é Arlindo, sou da comissão gestora da casa de sementes. Sejam bem-vindos! Me digam: o que a semente significa pra vocês?

— Vida — disse um.

— Esperança — trouxe uma jovem.

— Pra mim, a semente é a força de algo que tá pra nascer — disse um senhor.



— Eu vejo todos nós como sementes. Me dei conta disso quando o meu pai morreu. Eu vi meu pai como uma árvore que espalhou muitas sementes. Uma delas sou eu, que também tenho muito a semear. E as nossas sementes são muitas. Podemos plantar fé, confiança, conhecimento, alegria, assim como tristezas, violência, desrespeito ao outro e à natureza. O que escolhemos espalhar pelo mundo depende muito de cada um — falou inspirada uma senhorinha visitante.





— Sábias palavras, senhora! Que as nossas sementes sejam férteis e tragam muita coisa boa para o mundo. Agora, Seu Tota e Dona Severina vão conversar com vocês sobre a história do nosso banco, mostrar a casa — completou Arlindo.

— Bom dia, pessoal! É com o coração cheio de alegria que vamos apresentar um dos tesouros de Berro d'Água. Digo um, porque as pessoas que moram aqui são uma parte muito importante, eu diria até a base da nossa riqueza. — disse Seu Tota, arrancando sorrisos das pessoas.



— Cheguem mais pra conhecer as nossas sementes. Essas daqui ninguém mais da comunidade tinha por conta das secas, num sabe? Mas estamos felizes porque encontramos de novo em intercâmbios e feiras de troca de sementes a que fomos depois do banco. Pegamos um punhado, multiplicamos e agora já temos um estoque maior e mais variado. Essa prateleira aqui tá vazia porque vão chegar as sementes nativas que o grupo de jovens começou a coletar na mata. Essa ideia foi deles mesmos — contou Dona Severina.

Ela abriu alguns potes das sementes, distribuiu um tanto para quem quis e falou o que sabia sobre cada uma.



— De todas as coisas boas que a casa de sementes trouxe, qual foi a mais importante? — perguntou um jovem bastante interessado.

Seu Tota pediu a palavra:

— A gente passou a dar mais valor às nossas sementes crioulas. Elas são cultura e nutrem o corpo e alma da gente! Também ficamos mais unidos. Pro banco dar certo, tudo tem que ser feito em comunidade, em parceria — acrescentou Dona Severina.



Depois de um bom tempo de prosa, Arlindo fez um convite de encher a boca de Água: ir pro almoço com muita comida de milho da comunidade.

— A comunidade de Berro d'Água tá muito feliz em oferecer o alimento que vem do nosso chão. Que essa festa ao redor da mesa seja uma celebração das conquistas, da nossa capacidade de enfrentar os desafios e do compromisso que assumimos como guardiãs e guardiões das nossas sementes! — falou Dona Teté, inspirada na força do povo de Berro d'Água.







Realização



Apoio



Ministério do
Desenvolvimento Agrário

Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome

